



AFETIVIDADE E PROJETOS VITAIS DA JUVENTUDE BRASILEIRA

Cristina Satiê de Oliveira Pátaro TIDE, Pedagogia, Fecilcam, crispataro@yahoo.com.br

1. Introdução

A presente pesquisa¹ tem como objetivo analisar a função psíquica dos sentimentos e emoções no raciocínio humano, buscando compreender de que forma a dimensão afetiva pode vir a influenciar os projetos vitais elaborados pelos sujeitos jovens. Adotamos como referencial teórico-metodológico a perspectiva dos Modelos Organizadores do Pensamento (MORENO et al, 1999) e o estudo sobre projetos vitais (*purpose*) da juventude (DAMON; MENON; BRONK, 2003; DAMON, 2009).

A pesquisa, situada no campo da psicologia e da educação, parte de um referencial epistemológico construtivista e interacionista, e tem como proposta contribuir com as discussões acerca do funcionamento psíquico e mental, das relações entre cognição e afetividade, e também do processo de educação e socialização dos jovens brasileiros.

O trabalho volta-se, por um lado, para o estudo da juventude brasileira e seus projetos de vida. Entendendo a juventude como uma categoria construída a partir de critérios históricos, culturais e sociais (SPOSITO, 1997; 2003; MELUCCI & FABBRINI, 2000; DAYRELL, 2002), ressaltamos a importância de colocarmos em discussão o modo como os sujeitos jovens vêm vivenciando esta etapa da vida na sociedade contemporânea.

Neste processo, acreditamos ser fundamental dar voz a estes atores, na intenção de compreendermos de que forma os mesmos vêm significando suas vivências e projetando suas ações presentes e futuras. Ao mesmo tempo, tendo como pano de fundo as contribuições do movimento da Psicologia Positiva (SELIGMAN & CZIKSZENTMIHALYI, 2000; GABLE & HAIDT, 2005; PALUDO & KOLLER, 2007), a intenção é ressaltar as potencialidades e os aspectos positivos dos jovens na contemporaneidade.

Neste contexto, a discussão sobre os projetos almejados pela juventude faz-se extremamente relevante. Segundo Damon (2009), um dos maiores problemas destacados pelos jovens na atualidade é o sentimento de “vazio” que declaram possuir. Para muitos deles, a apatia e a ansiedade, por exemplo, são sentimentos que vêm se tornando freqüentes, assim como a falta de objetivos, aspirações e ações nos quais se engajar. Desta forma, a juventude vem sendo vivenciada e experimentada sem que o sujeito tenha claro

¹ O trabalho apresentado, que corresponde ao projeto de TIDE desenvolvido junto à Fecilcam, está relacionado também à pesquisa de Doutorado, em andamento, vinculado ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade de São Paulo (USP), sob orientação da Profa. Dra. Valéria Amorim Arantes.



quais metas pretende alcançar. Por outro lado, a sociedade contemporânea vem incentivando o senso de individualidade, competição e imediatismo, o que leva a juventude a ter como valor principal a satisfação de seus interesses pessoais. Assim, uma questão que se coloca é a de como educar a(s) juventude(s) brasileira(s) tendo em vista a construção de *projetos vitais*. De forma sucinta, um projeto vital (*purpose*) pode ser compreendido como metas ou objetivos que dão origem a ações presentes e futuras, sendo tais elementos significativos para o sujeito e trazendo, ao mesmo tempo, implicações mais amplas, voltadas para o mundo e a sociedade ao seu redor. Esta, portanto, é uma das preocupações que permeia a presente investigação.

Por outro lado, ao buscarmos enfatizar o papel da dimensão afetiva no psiquismo humano, e mais especificamente na organização do pensamento, partimos do princípio de que cognição e afetividade devem ser encaradas de modo indissociado (ARANTES, 2002; SASTRE; MORENO, 2002), na intenção de romper com a dicotomia entre razão e emoção, frequentemente presente nas idéias da Filosofia, da Psicologia e da Educação. Neste movimento, acreditamos ser de grande relevância um avanço cada vez maior das pesquisas que enfoquem o papel dos sentimentos e das emoções no psiquismo humano, e é neste contexto que procuramos inserir nosso trabalho.

Partindo do exposto, temos como hipótese que, do ponto de vista psicológico, a dimensão afetiva possui um papel importante na construção dos projetos vitais dos jovens. Consideramos que as emoções e os sentimentos não apenas subsidiam as escolhas e a motivação do sujeito para se engajar nos diferentes projetos vitais, mas que são também fundamento para o raciocínio e para a própria estruturação do projeto vital.

2. Referencial Teórico

a) Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento

A Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento (MORENO et al, 1999) é base teórica e metodológica para o trabalho. Tal teoria foi inicialmente proposta por Moreno, Sastre, Leal e Bovet, e parte dos trabalhos de Piaget, e também da teoria de modelos mentais de Johnson-Laird. De acordo com as autoras, o ser humano, a fim de orientar-se e conhecer o mundo, constrói modelos da realidade em sua interação com os objetos, pessoas e relações ao seu redor, e também consigo mesmo.

Os Modelos Organizadores do Pensamento – que influenciam a forma de agir, pensar e sentir do sujeito, e a própria construção do conhecimento – são construídos com



base em elementos estruturais internos ao sujeito, mas também externos a ele, ou seja, os conteúdos da realidade. Nas palavras das autoras,

Concebemos um modelo organizador como uma particular organização que o sujeito realiza dos dados que seleciona e elabora a partir de uma determinada situação, do significado que lhes atribui e das implicações que deles se originam.

Tais dados procedem das percepções, das ações (tanto físicas como mentais) e do conhecimento em geral que o sujeito possui sobre uma certa situação, assim como das inferências que a partir de tudo isso realiza. O conjunto resultante é organizado por um sistema de relações que lhe confere uma coerência interna, a qual produz, no sujeito que o elaborou, a idéia de que mantém também uma coerência externa, ou seja, uma coerência com a situação do mundo real que representa. (MORENO et al, 1999, p.78)

Como se baseiam na representação e interpretação do sujeito, os modelos organizadores nem sempre correspondem exatamente à situação do mundo real. Desta forma, embora confirmam ao sujeito uma “coerência interna”, a qual, por sua vez, “produz a idéia de uma coerência externa”, isso não significa que o modelo construído corresponda exatamente à realidade que representa.

Segundo Moreno et al (1999), o sujeito constrói os modelos organizadores a partir da avaliação que faz diante de determinada situação do mundo real, processo em que estão envolvidas as seguintes atividades cognitivas: abstração de elementos, atribuição de significados e estabelecimento de implicações e/ou relações. A construção do modelo organizador depende de como estes três processos, que ocorrem simultaneamente, são articulados internamente pelo sujeito: um determinado elemento é abstraído em função do significado que lhe é atribuído no contexto da construção de um determinado modelo, e destes dois aspectos dependem as implicações estabelecidas.

Um aspecto importante a ser ressaltado é que a construção dos modelos organizadores permite a imaginação do sujeito, a inferência de novos elementos, pois o modelo organizador pode ser constituído também de alguns elementos que não necessariamente constam da realidade. Tais elementos passam a integrar o modelo organizador construído, e adquirem tanta importância quanto os demais na constituição do modelo. A imaginação do sujeito pode se basear em aspectos de natureza lógico-matemática, mas também de outra natureza. E, desta forma, podemos dizer que a Teoria dos Modelos Organizadores avança no sentido de considerar que a organização do pensamento está relacionada não apenas a aspectos cognitivos, mas também aos sentimentos e emoções, valores, desejos, fantasias, representações sociais, crenças, que influenciam os processos de seleção de elementos, atribuição de significados e



estabelecimento de implicações e/ou relações. É, portanto, coerente com nossas discussões a respeito da indissociabilidade entre cognição e afetividade.

b) Projeto vital (*purpose*)

Para o conceito de projeto vital (*purpose*), partimos dos estudos de Damon (2009) e também Damon; Menon & Bronk (2003). A proposta de tais autores é de estudar o papel e a constituição do projeto vital para o ser humano, precisamente durante o período da juventude. Para Damon (2009), o projeto vital pode ser definido como: “[...] uma intenção estável e generalizada de alcançar alguma coisa que é ao mesmo tempo significativa para o eu e gera consequências no mundo além do eu.” (p.53).

A definição tem como base alguns pontos essenciais para a compreensão do conceito. Em primeiro lugar, um projeto vital compreende sempre metas e objetivos a serem atingidos a longo prazo, e que se caracterizam por uma certa estabilidade. Desta forma, o projeto vital se diferencia de outras metas mais imediatas e cotidianas – como, por exemplo, chegar a tempo para determinado compromisso.

Um segundo ponto relacionado ao conceito apresentado reside no fato de que o projeto vital, embora contemple uma busca pessoal pelo sentido da vida, deve contemplar também uma orientação “externa”, um desejo do sujeito de fazer a diferença no mundo, de contribuir para aspectos que transcendem o próprio *self*. É neste sentido que Damon comenta a respeito da existência de projetos vitais nobres, pautados por princípios éticos e evidenciando preocupações significativas com o mundo para além do próprio sujeito. Assim, a preocupação com a transformação da realidade e a busca por um mundo mais justo deve necessariamente fundamentar o projeto vital sustentado, de modo que fica evidente a relação entre a elaboração de um projeto vital e a formação moral.

Por fim, o significado de um projeto vital não se encerra em si mesmo. O projeto é sempre uma meta que orienta as ações do sujeito. Esta busca pode estar relacionada a elementos materiais ou não materiais, internos ou externos, e pode também envolver metas não necessariamente atingíveis. O que caracteriza um projeto vital não é necessariamente sua possibilidade de concretização, mas o fato de conferir ao sujeito um senso de direção, um objetivo a ser buscado.

É neste sentido que, segundo Damon et al (2008), o projeto vital pode ser entendido como um grande objetivo da vida do sujeito, que embasa suas decisões e ações e, desta forma, manifesta-se no comportamento do mesmo. O projeto vital é internalizado e assumido pelo sujeito, e deve ser visto como central em sua identidade.



Os estudos de Damon e seus colaboradores (DAMON; MENON; BRONK, 2003; DAMON, 2009) vêm destacando as contribuições que a elaboração de projetos vitais (*purposes*) podem trazer para o desenvolvimento humano e também para a formação moral. Deste modo, é fundamental que se aprofundem os estudos acerca desta temática, buscando elucidar formas de educação e socialização das crianças e jovens no sentido de possibilitar a construção de valores e a elaboração de projetos vitais que almejem objetivos eticamente desejáveis e, em última instância, a transformação da realidade em direção a uma sociedade mais justa. Nossa hipótese é a de que os sentimentos e emoções do sujeito exercem influências na elaboração de tais projetos vitais e que, portanto, é preciso que a educação e a socialização contemplem também esta dimensão humana.

3. Objetivos

A partir do referencial apresentado anteriormente, a investigação tem como objetivo identificar as possíveis relações entre a dimensão afetiva e os projetos vitais dos jovens.

O problema central da pesquisa apresenta-se na questão a seguir: *Que papéis os sentimentos e emoções podem exercer na construção dos projetos vitais de jovens de 18 a 24 anos, estudantes de instituição pública de ensino superior do estado do Paraná?*

Diante de nosso problema central, identificamos os objetivos específicos a seguir:

- a) Identificar a natureza das preocupações e interesses ressaltados pelos jovens, buscando verificar se estas configuram efetivamente um projeto vital, entendido enquanto um objetivo que seja ao mesmo tempo significativo ao sujeito e que possua implicações para além do *self*;
- b) Identificar e analisar, a partir do referencial dos Modelos Organizadores do Pensamento, os sentimentos e emoções que orientam e subsidiam as preocupações e metas apontadas pelos jovens;
- c) Analisar as relações entre os sentimentos e emoções presentes no raciocínio e a construção de projetos vitais dos jovens, no intuito de verificar se e de que forma a dimensão afetiva pode influenciar a elaboração e o engajamento dos jovens em projetos vitais nobres.

4. Metodologia

A investigação tem como fundamentos metodológicos a Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento apresentada anteriormente, bem como os instrumentos e

procedimentos propostos por Damon et al (2008) para a identificação dos projetos vitais dos jovens. Para atender aos objetivos da investigação, será realizada entrevista semi-estruturada com base no roteiro proposto por Damon (2009). Este instrumento, que procura elucidar as preocupações, metas e ações dos jovens com relação a seu cotidiano e a seus planos para o futuro – foi revisado e adaptado no intuito de contemplar também informações relativas aos sentimentos e emoções vivenciados pelos sujeitos nas diferentes etapas da entrevista.

Pretende-se entrevistar 60 jovens, de 18 a 24 anos, estudantes de Instituição de Ensino Superior do estado do Paraná, sendo 30 do sexo feminino e 30 do sexo masculino. Até o momento, realizou-se uma primeira coleta de dados, como estudo piloto (totalizando 9 sujeitos), cuja análise inicial é aqui apresentada.

5. Análise Parcial dos Dados

A partir dos dados obtidos até o momento, por meio do estudo piloto realizado, destacaremos a seguir algumas considerações importantes provenientes da análise inicial dos dados. Tais considerações têm auxiliado para o aprofundamento das discussões teóricas bem como para o refinamento dos procedimentos de coleta e análise de dados da pesquisa. O processo de análise compreende diferentes etapas, que serão explicitadas a seguir.

a) Envolvimento com projetos vitais

Nesta primeira etapa, a intenção é a de verificar o envolvimento dos jovens com projetos vitais, buscando identificar a categoria à qual pertence cada um dos sujeitos, a partir da entrevista realizada. Este processo se fundamenta nos procedimentos descritos por Damon et al (2008), os quais destacam quatro diferentes categorias: desengajados; sonhadores; superficiais; com projetos vitais. Vejamos:

- **Desengajados:** não possuem metas ou ações que configurem um projeto vital, ou mesmo algum tipo de esforço para sua busca. Podem ser apáticos e desinteressados ou, por outro lado, possuir objetivos voltados apenas para seu próprio eu, demonstrando pouca preocupação com o mundo além do eu.
- **Sonhadores:** Comentam sobre projetos vitais que gostariam de ter, mas não demonstram ações efetivas para a realização de tais projetos, tendo feito pouco ou nada para colocar em prática suas idéias.

- **Superficiais:** Demonstram-se engajados em atividades que poderiam configurar um projeto vital, mas dão pouca atenção e/ou comprometimento para com o significado de tais ações. Em muitos casos, engajam-se em várias atividades que parecem ter propósitos, mas não possuem clareza da razão que sustenta seu comprometimento com as ações realizadas.
- **Com projetos vitais:** Apresentam objetivos e aspirações significativos para si mesmos e para o mundo além do *self*, demonstrando clareza de sua busca. Engajam-se em atividades tendo em vista seus projetos, e planejam ações presentes e futuras para contemplá-los.

Tendo em vista os sujeitos que compuseram a amostra do estudo piloto, até agora realizado, obtivemos a seguinte distribuição nas categorias aqui apresentadas:

Desengajados	Sonhadores	Superficiais	Com projetos vitais	Total
2	1	4	2	9

b) Modelos Organizadores do Pensamento

Na segunda etapa de análise, são identificados os modelos organizadores do pensamento utilizados pelos sujeitos na composição de seu raciocínio. A análise dos modelos organizadores, pautada no referencial de Moreno et al (1999), é feita a partir das respostas dadas pelos sujeitos – não existindo, portanto, categorias prévias. Os modelos organizadores do pensamento auxiliam no sentido de possibilitar a compreensão da dinâmica envolvida no pensamento dos sujeitos e na construção dos projetos vitais, em especial no que concerne aos sentimentos e emoções comentados pelos jovens. Da análise inicial, extraímos 3 diferentes modelos organizadores, explicitados a seguir:

- **Modelo 1:** Os sujeitos comentam superficialmente – e às vezes com dificuldades – sobre seus sentimentos e emoções. O envolvimento com a questão central é fundamentada em sentimentos positivos (amor, felicidade, carinho). Os sentimentos negativos aparecem quando contrariam de alguma forma a questão central, mas são evitados pelo sujeito e considerados pouco relevantes.
- **Modelo 2:** O envolvimento com a questão central ora traz emoções e sentimentos positivos, que ajudam a persistir, ora traz emoções e sentimentos negativos (incerteza, insegurança) que, diante de dificuldades, levam o sujeito a pensar em desistir de suas metas – e, em alguns casos, a atribuir pouca relevância a seus próprios sentimentos e emoções.

- **Modelo 3:** O envolvimento com a questão central é fundamentada ao mesmo tempo em sentimentos positivos e negativos. Os sentimentos negativos são valorizados, vistos como forma de crescimento e conduzindo a ações e esforços para sua compreensão e superação, no enfrentamento dos obstáculos encontrados. Além disso, percebe-se a generosidade como valor presente em todos os sujeitos que aplicam este raciocínio.

Levando em conta os modelos organizadores identificados, obtivemos a seguinte distribuição dos sujeitos:

Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Total
5	2	2	9

c) Projetos vitais e sentimentos

O próximo passo da análise dos dados busca verificar as possíveis relações entre os sentimentos e emoções que subsidiam o raciocínio dos sujeitos – obtidos por meio dos modelos organizadores do pensamento – e o engajamento dos jovens (ou não) em projetos vitais, identificados pelas categorias definidas na primeira etapa. Deste modo, obtivemos a seguinte distribuição dos dados da amostra:

Modelos organizadores	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Total
Desengajados	2	--	--	2
Sonhadores	--	1	--	1
Superficiais	3	1	--	4
Projetos vitais	--	--	2	2
Total	5	2	2	9

A partir da tabela acima exposta, é possível tecermos as primeiras considerações a respeito da pesquisa proposta. Os dados obtidos até o momento sugerem que os jovens que demonstraram engajamento em projetos vitais tendem a compreender e lidar com seus sentimentos e emoções segundo o raciocínio apresentado no Modelo 3. Deste modo, os projetos vitais aparecem relacionados de alguma forma ao enfrentamento das situações e à significação dos sentimentos negativos como possibilidade de crescimento e aprendizagem. Além disso, parece haver uma relação entre o engajamento em projetos vitais e o valor moral de generosidade, presente nos sujeitos que aplicam o raciocínio conforme o Modelo 3.



Ao mesmo tempo, a grande concentração de sujeitos no Modelo 1 demonstra a dificuldade dos jovens em expressar e lidar com seus sentimentos e emoções. Neste modelo organizador, ressaltamos a tendência do sujeito em buscar por sentimentos positivos e evitar os sentimentos negativos, dinâmica que, ao que nos parece, acaba por conduzir o sujeito ao desengajamento ou à superficialidade no seu envolvimento com os projetos vitais.

Ressaltamos que a análise parcial aqui exposta traz apenas algumas considerações iniciais, que deverão ser aprofundadas a partir da amostra completa que pretendemos investigar.

6. Considerações Finais

Para Damon (2009) a falta de engajamento e compromisso, bem como o idealismo dos jovens são vistos muitas vezes como naturais e pertencentes ao período da juventude. Segundo o autor, falta aos jovens, em muitos casos, o estabelecimento de objetivos, aspirações e ações nos quais se engajar.

Compreendendo a juventude como categoria construída a partir de critérios históricos, culturais e sociais, conforme colocamos anteriormente, nossa intenção é a de problematizar as diferentes formas de ser jovem, buscando compreender, em última instância, de que modo a educação pode contribuir para a formação e socialização da juventude contemporânea.

Procuramos apresentar, aqui, uma análise parcial dos dados que foram até agora coletados em nossa investigação. A pesquisa buscará investigar de forma mais aprofundada o papel da dimensão afetiva na escolha e planejamento de metas e no engajamento de ações que configuram um projeto vital, a partir de referenciais como Damásio (1996; 2000); Paludo & Koller (2006; 2007); Haidt (2003); Sastre & Moreno (2002), dentre outros.

7. Referências

ARANTES, Valéria A. (2002). A afetividade no cenário da educação. In: Oliveira, M. et al. (orgs). **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, p.159-174.

DAMÁSIO, Antonio. (1996). **O erro de Descartes**. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (2000). **O mistério da consciência**. São Paulo: Companhia das Letras.



DAMON, William (2009). **O que o jovem quer da vida?** São Paulo: Summus.

DAMON, William et al (2008). **Interview coding process for forms of purpose determination.** Stanford Center on Adolescence. (mimeo)

DAMON, William; MENON, Jenni; BRONK, Kendall. (2003). The Development of Purpose During Adolescence. **Applied Developmental Science**. Vol. 7, No. 3, p.119-128.

DAYRELL, Juarez. (2002). O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. No.24, Set /Out /Nov /Dez, p.40-52.

GABLE, Shelly L.; HAIDT, Jonathan (2005). What (and Why) Is Positive Psychology? **Review of General Psychology**. Vol. 9, No. 2, p.103-110.

HAIDT, Jonathan. (2003). The moral emotions. In: DAVIDSON, K.R.; GOLDSMITH, H.H. (orgs.). **Handbook of affective sciences**. Oxford: Oxford University Press, p.852-870.

MELUCCI, Alberto; FABBRINI, Anna. (2000). **L'età dell'oro. Adolescenti tra sogno ed esperienza**. Milano: Feltrinelli.

MORENO, Montserrat et al. (1999). **Conhecimento e Mudança: os modelos organizadores na construção do conhecimento**. São Paulo: Moderna; Campinas: Ed. da Unicamp.

PALUDO, Simone; KOLLER, Sílvia H. (2006). Psicologia positiva, emoções e resiliência. In: DELL'AGLIO, D.; KOLLER, S.; YUNES, M.A. (orgs). **Resiliência e Psicologia Positiva: interfaces do risco à proteção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p.69-86.

_____. (2007). Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões. **Paidéia**, 17(36), p.9-20.

SASTRE, G.; MORENO, M. (2002). **Resolução de conflitos e aprendizagem emocional: gênero e transversalidade**. São Paulo: Moderna.

SELIGMAN, M.; CZIKSZENTMIHALYI, M. (2000). Positive Psychology: an introduction. **American Psychologist**, 55, p.5-14.

SPOSITO, Marília. (1997). Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**. 5/6, mai-dez. Especial: juventude e contemporaneidade, p.37-52.

_____. (2003). **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. São Paulo: Ação Educativa.